Escola Básica e Secundária Vitorino Nemésio, Terceira

Cartoons

No âmbito do domínio de escrita, os alunos desenvolveram apreciações críticas sobre dois cartoons, um sobre a influência das tecnologias na sociedade atual e outro sobre a ação do homem na preservação do meio ambiente.

Os alunos optaram por um dos cartoons e elaboraram os textos de acordos com as marcas adequadas ao género textual em análise, tendo resultado nos textos que se apresentam de seguida. Cada texto apresenta a visão crítica e analítica da imagem selecionada, revelando aspetos em comum, mas cada aluno conseguiu acrescentar um pormenor diferente que complementam a abordagem globalmente reflexiva sobre problemas que afetam a vivência dos jovens e de toda a sociedade contemporânea.

Pawel Kuczynski

Anne Derenne, *Jenga – a sexta extinção em massa da Terra*

A prof.ª Paula Cotter Cabral

Neste cartoon de Pawel Kuczynski, podemos observar uma imagem humorística de carácter icónico. Esta imagem é baseada numa situação da atualidade e representa o uso excessivo do telemóvel, a ausência de espírito crítico e a falta de pensamento próprio.

O autor do cartoon recorreu ao humor através da utilização de um burro com dois telemóveis no lugar das palas, provocando assim o riso. O burro representa o ser humano da nossa sociedade que utiliza o telemóvel em excesso e acredita em tudo o que vê e lê nas redes sociais.

Nesta imagem, há uma comparação entre o ser humano e o burro, uma vez que por acumular tanta informação inútil, o ser humano comporta-se como animal de carga e apenas consegue ver o que está à sua frente.

Em suma, o autor faz uso da ironia para retratar uma situação da atualidade que afeta a nossa sociedade que aos poucos vai perdendo o poder de questionar e de criticar.

Gabriela Sousa, 10.ºA

O cartoon de Paul Kuczyski retrata os problemas do vício dos telemóveis e das redes sociais.

Nesta imagem, podemos observar um burro que tem dois telemóveis ao lado dos olhos, diminuindo o seu campo de visão.

Esta obra transmite de facto, a ideia de que o uso excessivo da tecnologia faz com que não vejamos o mundo, limitando deste modo, a nossa visão, que está bloqueada pelo telemóvel e não nos apercebemos do que acontece à nossa volta, podendo até causar acidentes, por exemplo, quando uma pessoa está a andar enquanto usa o seu telemóvel e tropeça em algo que não viu.

Também é possível interpretar esse cartoon como dizendo que as tecnologias nos tornam burros, devido às grandes quantidades de notícias falsas que existem nas redes sociais, ou então porque existem pessoas que estudam menos tempo, para estarem nos seus smartphones e, por isso, baixam os seus resultados escolares.

De qualquer modo, esta obra dá a entender que devemos ter cuidado ao utilizar as tecnologias e que não devemos estar constantemente a utilizá-la, uma vez que o seu uso excessivo tem consequências negativas, limitando a nossa visão e tornando-nos mais limitados.

Em suma, o cartoon de Pawel Kuczynski retrata, de forma criativa e original, os perigos do uso excessivo dos telemóveis, mostrando que podem bloquear a nossa visão, além de nos fornecer informação falsa.

João Cabral 10.ºA

No cartoon de Pawel Kuczynski, podemos observar um burro de tom acinzentado, com dois telemóveis presos num cabresto castanho e um fundo de cor neutra.

A imagem retrata um burro (um animal associado normalmente à falta de inteligência) com os olhos tapados por telemóveis, como se os seus movimentos e decisões fossem totalmente guiados pela tecnologia.

Neste contexto, o burro simboliza a nossa sociedade atual: pessoas dominadas pelo mundo digital, incapazes de pensar por si próprias e sem autonomia.

Este cartoon convida-nos a refletir sobre o nosso comportamento perante a tecnologia e a questionar se queremos viver nesta realidade cinzenta, onde a liberdade do nosso pensamento parece ser cada vez mais limitada.

Leonardo Dinis 10.ºA

No cartoon, de Pawel Kuzynski feito na Polónia, podemos observar o animal, um burro, com dois telemóveis a fazer de cabeçada com antolhos, instrumento utilizado em burros e cavalos para que o animal esteja sempre a olhar em frente.

Esta imagem é uma critica a nós mesmo, humanos que somos representados pelo burro, pois com a evolução da tecnologia as pessoas estão cada vez mais "cegas" nos telemóveis, computadores e outras tecnologias, fazendo com que não se apercebem como está o mundo à sua volta, por exemplo, sem saber como estão os parentes e talvez um esteja no hospital. Esta crítica leva principalmente a nova geração, que nasceu com os telemóveis colados na mão, a pensar que o estar sempre nas tecnologias pode afetar a sua vida futura, por exemplo, quando saírem da casa dos pais sem saber cozinhar, limpar a casa e fazer outras tarefas domésticas, e passado algum tempo vão estar sempre a ligar para os pais a pedir auxílio ou voltam para casa.

Podemos concluir que, este cartoon, demostra uma critica aos seres humanos que vivem presos no mundo da tecnologia e que precisam desligar-se dele e de se reconectar com o mundo real.

Luana Fernandes, 10.ºA

O cartoon de Pawel Kucznski apresenta uma crítica crucial ao uso excessivo da tecnologia, especificamente dos telemóveis. A imagem de um burro com palas que, em vez de serem simples faixas, são ecrãs de telemóvel, sugere uma metáfora poderosa: os seres humanos, assim como o burro, estão presos a uma visão limitada do mundo devido à dependência tecnológica.

O artista usa o humor e a ironia para evidenciar como os telemóveis podem restringir a nossa perceção da realidade, tornando-nos cegos ao que está ao nosso redor. Em vez de aumentar os horizontes, a tecnologia, quando usada de forma exagerada, pode ter o efeito contrário, confinando-nos a uma “realidade virtual” e afastando-nos do mundo real.

Além disso, a escolha do burro como figura central reforça a ideia da teimosia, sugerindo que as pessoas, mesmo tendo a capacidade de escapar a dependência, insistem em manter-se presas a ela.

Em conclusão, este cartoon mostra-nos a influência que as tecnologias têm na atualidade através de uma crítica relevante e perspicaz, levando-nos à reflexão sobre o impacto das mesmas no comportamento humano.

Madalena Oliveira, 10.º A

O cartoon de Pawel Kuczynski tem como objetivo fazer uma critica à sociedade sendo esta o facto de hoje em dia o mundo das pessoas girar à volta das tecnologias, em específico o telemóvel. Para onde quer que olhemos, só conseguimos ver o telemóvel, virando a nossa atenção toda para este.

Outra coisa é a nossa forma de estar, porque o ter as tecnologias hoje está muito presente nas nossas vidas e traz algumas consequências negativas, tanto para adolescentes/crianças como para a população mais adulta. Isto é um vício que a sociedade está a adquirir e que se não fizermos alguma coisa para "controlar" melhor a situação no futuro a sociedade pode vir a ficar muito mais dependente das tecnologias/telemóveis. No fundo, esta ilustração é uma critica à sociedade que também serve de "alerta" para nós.

Concluindo, esta imagem serve como um espelho da sociedade atual, e de como o quanto as tecnologias, mais especificamente o telemóvel, estão num lugar tão central na nossa vida. Devemos tomar mais atenção a este aspeto, interferindo quando necessário. Devemos utilizar a tecnologia como forma de tirarmos partido dela, mas não nos podemos tornar vitimas dela.

Raquel Martinho, 10.º A

Este cartoon de Pawel Kuczynski faz uma crítica ao impacto da tecnologia na forma como vemos o mundo. A imagem mostra um burro com palas nos olhos, que são dois telemóveis, como se fossem as únicas coisas que ele pudesse ver. Isto faz-me pensar: será que, muitas vezes, não estamos nesta situação?

O uso do burro não é ser coincidência. Este animal, é frequentemente associado à teimosia e à falta de pensamento crítico, o que simboliza como podemos ser facilmente controlados pela tecnologia e, simplesmente, aceitamos sem pensar duas vezes no que nos é mostrado. O telemóvel, representa as redes sociais e a internet, que muitas vezes nos entregam uma realidade filtrada, deixando à parte o que realmente importa, isto é, a realidade.

Este cartoon, faz com que questionemos sobre o quanto dependemos da tecnologia e como ela pode limitar a nossa perceção sobre o mundo. Será que estamos a escolher o que ver e acreditar, ou, simplesmente, a seguir o que é imposto à população mundial? Kuczynski tenta alertar isto através da sua obra para que tenhamos consciência do que realmente se passa –sendo esta uma mensagem importante para a época que vivemos.

Letícia Rocha, 10.ºA

Anne Derenne, *Jenga – a sexta extinção em massa da Terra*

O cartoon “Jenga - a sexta extinção em massa da Terra” da autoria de Anne Derene mostra uma torre de peças do jogo popular Jenga e duas mãos a removê-las como acontece naturalmente no jogo. O título sugere que esta representação ilustra a sexta extinção em massa, associada a isto está a presença de animais selvagens e plantas no cimo da torre. Esta montagem de blocos já não se encontra completa com a sua estrutura inicial.

Este cartoon aborda um tema muito atual, criticando a ação humana, a sua contribuição para a rápida perda da biodiversidade e a sua atitude ignorante, tratando temas sérios e de extrema importância como um jogo. A referência ao conceito de “sexta extinção”, sugere que estamos a sofrer uma extinção em massa, fruto da poluição, alterações climáticas e uso indevido dos terrenos, de origem antropogénica. O risco iminente de queda da construção representa a urgência da situação, necessidade de ação por parte de todos nós e o risco que corremos se não o fizermos.

Embora não existam personagens humanas, as mãos representam as consequências da ação humana e as peças do jogo são os pilares da natureza (animais, plantas e habitats). O jenga é um jogo de estratégia e equilíbrio, é por isso uma metáfora eficaz para ilustrar a fragilidade do contexto ambiental. O seu desequilíbrio reforça a vulnerabilidade e o perigo, levantando a ideia de que estamos à beira de um colapso ecológico.

Após esta reflexão é possível afirmar que o tema do cartoon é a extinção em massa, é evidenciada uma crítica à contribuição, simultaneamente consciente e ignorante, dos humanos para a queda dos ecossistemas terrestres. A autora recorre à ironia e à reflexão do observador ao invés do humor direto. Podemos perceber a ironia na comparação entre um jogo (que é uma atividade leve e pouco séria) e a preocupante destruição da vida na Terra, sugerindo que a humanidade está a tratar a natureza como um jogo e sem pensar as consequências das suas ações.

A imagem apela, assim, à preocupação e acima de tudo à ação do espetador, a metáfora poderosa emite uma sensação de urgência e estimula as emoções e sentidos deste. Esta representação pode desencadear sentimentos de desconforto e alarme, o que reforça o seu poder emocional.

Uma pergunta que retrata bem a mensagem a transmitir é “Por quanto tempo podemos continuar a jogar com a natureza antes que tudo colapse?”. O cartoon leva-nos a questionar o comportamento humano em relação ao meio ambiente, faz-nos ter consciência das consequências devastadores e irreversíveis da destruição da biodiversidade. A crítica é feita às sociedades, à cultura presente de desprezo pelas consequências a longo prazo e à forma como lidam com a crise ambiental, frequentemente sem a seriedade devida.

Em suma, considero que esta é uma ótima representação da conjuntura atual e da nossa atitude perante a mesma, também é eficaz a consciencializar as populações para a necessidade de ação se queremos evitar uma extinção em massa. O uso da metáfora é de fácil compreensão, mas extremamente potente, capturando a essência do problema de forma visual e acessível. A autora transmite uma mensagem clara, muito atual e de extrema importância visto que o aumento das discussões sobre mudanças climáticas, poluição e perda de biodiversidade é cada vez mais notório.

Críticas como estas são extremamente necessárias num período em que a ação humana é uma das, senão a maior, ameaça à sobrevivência das espécies do planeta (incluindo a nossa).

Inês Bettencourt, 10.ºA

Anne Derenne, *Jenga – a sexta extinção em massa da Terra*

O cartoon "Jenga – a sexta extinção em massa da Terra", de Anne Derenne, utiliza uma metáfora visual para representar a fragilidade do meio ambiente e os impactos das ações humanas na biodiversidade. A imagem mostra uma torre de Jenga, onde cada bloco simboliza um elemento do ecossistema. No topo, uma pequena área verde com árvores e vegetação faz parecer a vida na Terra, enquanto mãos humanas retiram peças da base, provocando a instabilidade da estrutura.

A relação entre a imagem e o título é evidente, assim como no jogo de Jenga, em que a retirada de peças pode levar á queda da torre, a destruição do meio ambiente pode desenvolver um desastre global. tema é extremamente atual, considerando as alterações climáticas, a desflorestação e a perda de biodiversidade que ameaçam o equilíbrio do planeta.

O humor na imagem é irônico. O jogo de Jenga, normalmente associado à diversão, é usado para ilustrar uma realidade preocupante. Essa abordagem torna a mensagem mais acessível e impactante, levando o público a refletir sobre as consequências da ação humana no meio ambiente. Dessa forma, o cartoon se destaca como uma crítica visual poderosa à destruição ambiental.

Patrícia Areias Lima, 10.ºA

Anne Derenne, *Jenga – a sexta extinção em massa da Terra*

Textos 12.º Ano - Voluntariado

Os domínios selecionados para o 12.º ano, em Cidadania e Desenvolvimento, uma área curricular transversal, é o voluntariado. Assim, os alunos devem desenvolver trabalhos de pesquisa e aplicar na prática ações que contribuam para o reconhecimento e para o envolvimento na comunidade educativa. Estes textos surjam da fase inicial de investigação sobre diferentes tipos de voluntariado e direcionam os alunos para as áreas de interesse a aplicar o seu contributo para ajudar o outro.

A prof.ª Paula Cotter Cabral

O voluntariado à distância

Com a revolução tecnológica a que assistimos no século XXI, com o advento da Internet, o voluntariado à distância transformou-se numa realidade. Consiste na oferta do nosso tempo e capacidades em prol de uma causa, sem esperar qualquer tipo de remuneração ou recompensa, particularmente através das tecnologias de informação e comunicação, sem necessidade de presença física num dado local, em ONG's como a ONU ou certas startups digitais como a Be My Eyes.

Também chamado de voluntariado online, surge numa variedade de tipos e áreas de ação tão grande como o voluntariado tradicional, desde a educação, ao ambientalismo e à paz mundial, muitas vezes de forma complementar. As tarefas mais comuns nesta modalidade de voluntariado são aquelas relacionadas com as TIC e com o design, como criar folhetos e fazer a manutenção de um website. Por outro lado, também são frequentes as responsabilidades associadas à consultoria, por exemplo, em Direito em casos pro bono.

O voluntariado à distância tem sido uma escolha frequente devido às vantagens que traz. É mais seguro, sendo que o voluntário não precisa de se deslocar para regiões onde poderia estar sujeito a outras doenças ou comunidades pouco seguras, como é o caso no voluntariado internacional de saúde em países como Moçambique e no Gabão, onde proliferam o ébola e outras epidemias (AMI, 2025). Além disso, o voluntariado online permite que mais pessoas se possam tornar voluntárias, independentemente de limitações de mobilidade, isolamento geográfico ou horas livres em alturas pouco convencionais. No entanto, apresenta também desafios de comunicação, que se torna mais lenta e menos natural, dependente de boas conexões sem fios.

Em suma, o voluntariado à distância apresenta potencialidades, facilitando o acesso a este mundo através da diminuição das distâncias relativas. Como exalta a organização DoSomething, "Se procura um sentido de propósito no meio do caos [do mundo], considere o voluntariado on-line com segurança, no conforto da sua casa" (2019). Todavia, este formato de voluntariado não tem o objetivo de substituir o método tradicional, quando a presença "no terreno" e a proximidade das comunidades em que se intervém são indispensáveis.

Fontes:

Assistência Médica Internacional. (2025). AMI no Mundo. AMI. Recuperado a 18 de fevereiro, 2025: https://ami.org.pt/ami-no-mundo/

Be My Eyes. (2025) The story about Be My Eyes. Recuperado a 18 de fevereiro, 2025: https://www.bemyeyes.com

European Youth Portal. (2024, fevereiro 29). Volunteer online. Recuperado a 18 de fevereiro, 2025: https://youth.europa.eu/go-abroad/volunteering/volunteer-online_en

Do Something. (2019, Julho 30). 9 Places to Volunteer Online (And Make a Real Impact). Recuperado a 18 de fevereiro, 2025: https://dosomething.org/article/9-places-to-volunteer-online-and-make-a-real-impact

Ana Beatriz Pereira & Maria Margarida Meneses, 12.º C

Qual a importância do voluntariado em lares de idosos?

O voluntariado entende-se como um ato voluntário de um indivíduo ou grupo que doa livremente tempo e trabalho para o serviço comunitário. Uma investigação europeia realizada em 2009 (Haski-Leventhal 2009) mostra que existe uma correlação global positiva entre o voluntariado e a perceção da saúde, a satisfação com a vida, a esperança de vida e a prevenção da depressão.

O lar de idosos é um estabelecimento para alojamento de pessoas idosas, que presta cuidados de enfermagem, por profissionais qualificados, para cuidar e promover o bem-estar daqueles que possuem mais idade, sejam eles dependentes ou independentes. Na maior parte das vezes, proporciona diversos serviços que ajudam a manter a qualidade de vida do idoso, como a realização de atividades recreativas, exercício físico e de uma alimentação saudável, essenciais para o bem-estar do hóspede idoso. Os mais velhos têm uma riqueza de experiências de vida que não podem ser desperdiçadas, visto que a sociedade beneficia com os imensos ensinamentos e lições que eles têm para oferecer. Esta interação entre gerações não apenas cria laços afetivos como também promove a comunicação intergeracional ao proporcionar momentos de partilha e de aprendizagem mútua.

Para os jovens, este tipo de iniciativas tanto pode ser uma experiência a colocar no currículo, como também uma maneira possível para a descoberta de vocações. De facto, os empregadores visam contratar pessoas que já se tenham envolvido em atividades de voluntariado. Os dados recolhidos no estudo publicado na revista “Sociologia, Problemas e Práticas” comprovam a aquisição de soft skills por meio do voluntariado e evidenciam a existência de um interesse amplo no reconhecimento institucional das aprendizagens informais a partir da experiência de voluntariado. Para além disso, ao realizar estas ações, os mais novos podem descobrir que têm interesse na área de assistência social, por exemplo, e quererem-na seguir como futura carreira.

Para os idosos, esta ação de solidariedade por parte dos jovens reduz a solidão que sentem. Num estudo realizado pela PePsic, em 2020, os resultados indicaram que os idosos que recebiam visitas com maior frequência apresentaram maiores níveis de afeto positivo e satisfação com a vida e menos afetos negativos, o que pode indicar maior Bem-Estar Subjetivo, que é uma área de psicologia. Este estudo ratifica a importância do envolvimento dos idosos com os jovens e o quanto importante é o companheirismo. Para além do mais, a convivência entre duas gerações diferentes promove o estímulo cognitivo, pois o envolvimento em atividades ajuda a manter a mente ativa e pode retardar o declínio do raciocínio. Portugal já começou a ter mais em conta a necessidade do envelhecimento ativo com o Plano de Ação do Envelhecimento Ativo e Saudável de 2023-2026.

Uma notícia publicada em agosto de 2024 pela SIC Notícias relatou que “Em Ourém, há quem troque as férias de verão por um projeto de voluntariado com idosos em isolamento.”, ou seja, cada vez mais os jovens, pela sua própria vontade, abdicam do seu tempo pessoal, que poderiam utilizar para fazer qualquer outra coisa, para conviverem com os idosos.

Em suma, é importante que os jovens se envolvam mais com as pessoas da terceira idade através do voluntariado, de modo a promover o seu bem-estar físico e psicológico e, também, a inclusão social. Não é por os nossos “velhotes” estarem reformados que não têm histórias e experiências para contar ou que são inúteis, muito pelo contrário. Todo esse conhecimento deve ser aproveitado e valorizado.

Fonte:https://www.istockphoto.com/pt/foto/teenager-assisting-a-senior-tea-party-gm1130452456-298970937

Catarina Frederico e Elvira Pereira, 12ºC

Conexão com o Brasil

III Projeto Interações

III Projeto Interações Culturais Brasil e Estados Unidos da América: Diálogos, Culturas e Visões de Mundo

A 3ª. Edição do Projeto Interações Culturais promoveu o encontro entre estudantes e professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Católica Dom Bosco e a Universidade de Wisconsin/Milwaukee. Coordenado pelos Professores José Paulo Gutierrez (UFMS), Susana Antunes (UMW) e Karla Costa (UFMS), o projeto teve a participação de mais de 100 alunos, alocados em 3 turmas distintas, que aprofundaram discussões sobre temas diversos e significativos nacionalmente e internacionalmente. Durante seis encontros online, os/as estudantes tiveram a oportunidade de aperfeiçoar habilidades de conversação em língua portuguesa e inglesa, expandir conhecimentos culturais, ampliar visões de mundo e desenvolver competências interpessoais. Os relatórios aqui publicados demonstram a importância de iniciativas como essa, e do papel das universidades, em contribuir para a construção de sociedades globalizadas mais transculturais, translíngues, dialogadas, pacíficas e colaborativas. Aproveitem a leitura!

A prof.ª Karla Costa

Do lado da UW-Milwaukee

A primeira sessão de intercâmbio online é sempre a mais intimidadora. Apesar de ter muitas semanas de prática com o português na aula, nos minutos em que você espera para ser designado a um breakout room, parece que nunca soube de nada em toda a sua vida. É fácil se sentir sobrecarregado com preocupações sobre se envergonhar, dizer algo errado ou falar de forma inadequada. Quando as câmeras são ligadas, tudo isso vai embora.

Após breves apresentações, rapidamente nos perdemos na conversa. Nós nos revezamos na troca de informações sobre os sistemas escolares, subculturas de nicho da internet (aqueles que transcendem as barreiras do idioma), o ambiente político e nossas bandas preferidas. Palavras faltando ou verbos incorretamente conjugados não importam porque somos apenas um grupo de pessoas nos divertindo.

Embora o treino com vocabulário e gramática numa aula seja útil, nada se compara à prática em situações reais. É nessas situações que a prática com falantes experientes se torna a melhor ferramenta de aprendizado. As interações não são só uma oportunidade para fazer amigos no exterior, mas oferecem uma conexão mais profunda que ensina o valor de ser um pouco vulnerável num novo idioma. Mergulhar de cabeça, praticar falar sem preparação e cometer esses erros temidos é a maneira mais eficaz de aumentar a confiança. Antes que você se dê conta, o breakout room da última sessão já está fechando e você está correndo para compartilhar seu nome de usuário do Instagram para manter contato.

Eu gosto de receber atualizações do clima, dos jogos de futebol importantes ou das festas de fim de semana. Espero que meus amigos no Brasil gostem das fotos dos meus bonecos de neve, das tradições de férias, ou do centro da minha cidade. Durante todo o tempo, eles continuam a me mostrar nuances da linguagem e detalhes sobre a vida cotidiana. Tento fazer a mesma coisa por eles.

Além das conexões gratificantes que me proporcionaram as interações, a atmosfera do bate-papo também oferece sociabilidade de uma forma única. Ao entrar, você é recebido pelo aroma sutil de pizza fresca, pão de queijo, brigadeiros e outras delícias que a gente trouxe para apreciar. Tenho boas lembranças do ar zumbindo com a música da conversa, e das quentes, ricas melodias sendo dedilhadas no violão. Entretanto, a gente contou histórias de viagens pelo mundo, planos e esperanças, e as coisas engraçadas que aconteceram. Foi uma ótima chance para conhecer novas pessoas e praticar a expressão falada.

Uma vez, eu convidei um amigo da minha escola ao bate-papo porque ele queria passar algum tempo com tranquilidade antes de completar um exame mais tarde naquela noite. Foi tocante ver como todos ficaram encantados com a presença de alguém novo que se interessou pelo idioma. A gente o tratou como se fosse uma parte do grupo desde o início. Ele adorou aprender como se apresentar e como usar novas palavras em contexto com os jogos que jogamos. Ficamos até bem tarde, rindo e conversando, já ansiosos pelo próximo bate-papo.

Há algo profundamente poderoso em partilhar uma linguagem com outra pessoa; e há vulnerabilidade em abrir mão de sua língua materna. As interações e bate-papos especialmente proporcionam uma oportunidade para aprimorar o conhecimento da língua portuguesa e de perspectivas diversas— sem ansiedade ou julgamento. A maior parte da aprendizagem acontece quando nós nos deixamos ser um pouco vulneráveis. Um abraço aos meus amigos, tanto no exterior quanto nos bate-papos, que enriqueceram minhas experiências.

Alex Holzman, UW-Milwaukee, Port 204

Português 104

No dia 25 de março de 2025, participei do primeiro encontro do III Projeto Interações Culturais, uma iniciativa que promove a troca de experiências entre alunos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da University of Wisconsin-Milwaukee, nos Estados Unidos. O encontro aconteceu de forma virtual e marcou o início de uma série de seis reuniões programadas ao longo do projeto. Logo no início, os participantes foram divididos em pequenos grupos, com o objetivo de criar um ambiente mais íntimo e propício para o diálogo. No meu grupo, estavam Aaron Lazarski, Aiden O'Brien, Mariana Todesco e Caroline Silva. Durante as apresentações, cada integrante compartilhou um pouco sobre si: Mariana contou que cursa Direito na UFMS, Caroline mencionou que estuda Medicina Veterinária na mesma universidade, enquanto Aaron revelou que é estudante de animação (Animation major) e Aiden, por sua vez, é estudante da área educacional (Educational major), ambos da universidade americana.

O tema escolhido para esse primeiro encontro foi “comida”, o que rapidamente gerou uma conversa animada e cheia de trocas culturais interessantes. Começamos compartilhando nossos pratos favoritos e falando sobre a culinária típica de nossos respectivos países. Um dos destaques da conversa foi o brigadeiro, doce tradicional brasileiro que chamou bastante a atenção dos colegas americanos. Aaron comentou com entusiasmo que já havia tido a experiência de preparar brigadeiro em casa e que gostou muito do sabor. Aiden, por sua vez, surpreendeu a todos ao contar que já havia viajado para o Rio de Janeiro e teve a oportunidade de experimentar diversas comidas brasileiras durante sua estadia. Ele elogiou bastante a variedade da culinária e destacou o sabor marcante dos temperos, dizendo que essa foi uma das partes que mais gostou da viagem.

Além de falarmos sobre comida, a conversa naturalmente se expandiu para outros interesses em comum. Compartilhamos também nossos hobbies e falamos sobre jogos que gostamos de jogar no tempo livre, o que ajudou a tornar o clima ainda mais leve e amistoso.

Ana Luisa Pacheco

Hoje a conversa foi ainda mais variada. Eu, Maria Clara, Bianca e Isabella conversamos com o Michael, que fala português muito bem. Nenhum de nós era muito fã de esportes, então acabamos falando sobre outros assuntos, como saúde e as diferentes comidas do Brasil e dos Estados Unidos. Também falamos sobre ballet, já que Maria Clara e Bianca fizeram quando eram crianças. Michael nos mostrou como era a educação física no ensino médio dele, e comparamos com a nossa. Foi muito fácil interagir com todos, a conversa fluiu naturalmente e criamos uma conexão rápida.

Cecília Sant'Ana da Mata

No segundo dia de interações pude conhecer a Márcia, aluna América, a Isabella e a Gabriela que estudam na mesma escola aqui em Campo Grande. A Márcia é uma menina muito divertida e alegre, e entre as conversas na hora da apresentação descobrimos que ela falava muito bem o português e às vezes falava em espanhol,que por sinal era muito boa, e foi dessa forma que descobrimos que ela tem ascendência Venezuelana, que seus pais nasceram na Venezuela e que ela tem muitos amigos e vizinhos que são de lá. Começamos a conversar sobre nossas futuras profissões, a Márcia estuda psicologia e que gostaria de fazer a sua especialização em Portugal, e por isso seu interesse em aprender um pouco do português. Falei um pouco sobre meu curso de Direito e minha faculdade, e disse meus interesses e minhas expectativas depois de formar; as meninas Isabella e Gabriela ainda não se decidiram qual curso irão fazer, porém a Isabella disse que tem o interesse de fazer Direito na UFMS e a Gabriela psicologia, mas que ainda estavam pensando bem sobre qual curso irão fazer. Quando mudamos para a parte em inglês, foi bem divertido pois conseguimos fazer mais trocas com a Márcia, pois nos comunicamos melhor com ela e ela pode entender melhor o que dizíamos, e ela mesmo elogiou o inglês de todas, o que foi bem divertido. Ao final trocamos informações de redes sociais para que possamos ter mais trocas de experiências com os idiomas respectivos.

Deborah Evelyn da Silva Monteiro

No segundo dia encontrei com meus colegas Pedro e Johanna, e também novos integrantes, Murilo, João Vitor, e Alex. Nesta segunda interação o tema foi sobre esportes, então começamos nossa conversa perguntando o esporte preferido de cada um, futebol e vôlei foram as principais escolhas.

Depois, começamos a discutir a diferença entre os incentivos do esporte nos estados unidos e no brasil, porque lá é comum as faculdades ofertarem bolsas de estudos para estudantes exemplares e atletas, uma realidade que não existe no brasil que continua o esporte nas universidades por meio de organizações estudantis como as atléticas e os centros acadêmicos, mas essas organizações são principalmente organizadas pelos próprios alunos e não incentivadas pela universidade.

Outra coisa que explicamos para Alex foi a diferença entre as faculdades publicas e privadas no brasil com o prestigio de cada uma e a diferença no modo de ingressar nessas.

Também falamos sobre a relação da saúde mental com o esporte e como a atividade física pode ser ao mesmo tempo ótima para a saúde mental e um motivo de pressão, principalmente nos estados unidos pela pressão social e psicológica de entrar em uma faculdade pelo esporte.

Por fim, também discutimos sobre nossas perspectivas sobre o aprendizado do português e do inglês, e foi um consenso que o inglês era muito mais fácil de se aprender a gramática e a fala, enquanto o português era muito difícil principalmente ao Alex que estava estudando do zero o português mas já falava muito bem.

Fabiana Javarez de Araújo

Participantes: Ian, Abigail, Olivia e Fernanda

Nosso encontro começou de forma tranquila, com todos ainda se ambientando, mas logo a conversa foi ficando mais solta e animada. A troca entre português, inglês e até um pouco de espanhol deixou o bate-papo dinâmico e divertido, ajudando todos a praticar as línguas de forma leve. O tema principal foi sobre profissões, e cada um compartilhou um pouco sobre sua área de estudo e planos futuros. Eu, Olivia e Fernanda falamos sobre a rotina e os desafios da faculdade de Direito no Brasil, enquanto a Abigail contou sobre a sua experiência estudando Espanhol nos Estados Unidos e suas expectativas para o futuro.A conversa naturalmente se expandiu para outros assuntos, como hobbies, músicas, cultura, filmes e séries, o que tornou o encontro ainda mais interessante. Descobrimos diferenças e semelhanças entre as preferências
culturais do Brasil e dos EUA, e rimos bastante ao comentar sobre algumas
séries que são sucesso em um país e quase desconhecidas no outro.O tempo passou rápido e, quando percebemos, já estávamos finalizando o encontro.Considerações finais: uma conversa rica em troca cultural, com aprendizado descontraído e mais um passo na construção de amizades internacionais.

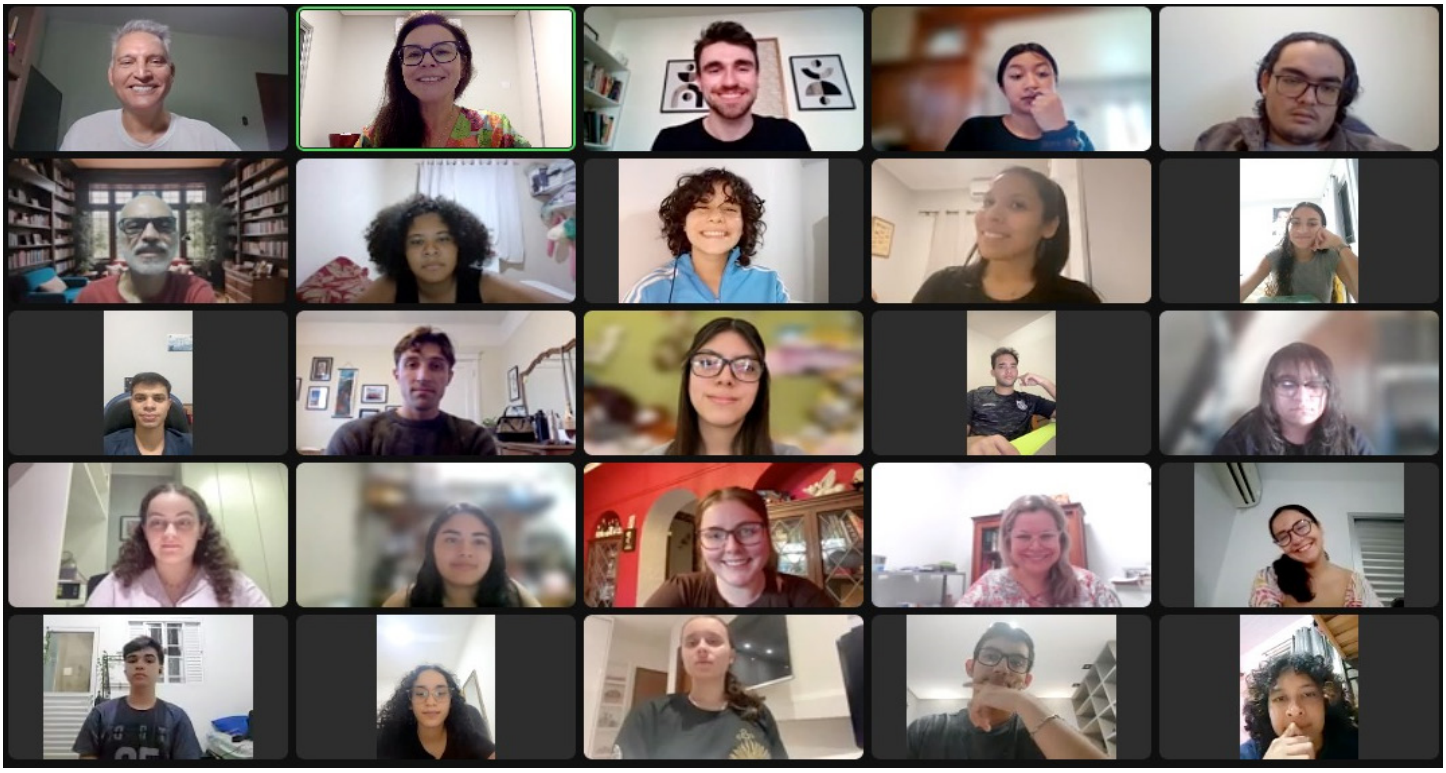
Ian Carlos Paes de Lima

- - - -

No quinto encontro, estive presente junto a Ophelia e Stephanie, ambas da UWM. Ophelia iniciou dizendo que tinha preparado umas perguntas para mim e sugeriu que as realizássemos em português, e eu responderia em inglês. Concordei com a ideia. Sua primeira pergunta foi se um dia eu gostaria de ir para o espaço. Afirmei que sim, que, apesar de dar um medo, eu gostaria de ir ao espaço. Posteriormente, ela perguntou se eu tinha um sonho para o mundo. Eu disse que gostaria que tivéssemos menos guerras. Em seguida, Ophelia me perguntou se eu acreditava em espíritos. Contel que acreditava e que, quando criança, havia visto um. Ophelia disse que também acreditava, tanto que mora com espíritos. Perguntei se ela não tinha medo, e ela me disse que já teve, mas que hoje em dia é até amiga de um deles. Stephanie, por sua vez, disse que não acreditava muito em espíritos. Ophelia continuou com suas perguntas. Desta vez, ela queria saber se eu acreditava em outras dimensões, dizendo que ela imaginava uma dimensão na qual não existissem guerras e que fosse possível viajar entre
outros planetas. Concordei com ela, afirmando que também gostaria que essas dimensões existissem. Ophelia reparou numa flor na parede de onde estava e disse que achou bonita. Afirmei que fazia parte da decoração do meu quarto e contei que ficava acima da minha cama. Ophelia disse que também estava no seu quarto e Stephanie nos contou que estava na biblioteca. Como o tema escolhido para o encontro era sobre Angola, Ophelia afirmou que eles haviam estudado sobre o país e nos contou que lá há muitas telenovelas famosas. Me perguntou, por fim, se eu conhecia alguma. Eu disse que angolana nunca tinha assistido, mas que estava assistindo a uma brasileira chamada Vale Tudo e contei mais ou menos o enredo da novela. Por sua vez, Ophelia disse que assistiu a uma série brasileira na Netflix chamada
Coisa Mais Linda e me sugeriu assistir também, já que eu não conhecia tal série. No final do nosso encontro, perguntei qual país elas gostariam de conhecer. Stephanie disse que gostaria de conhecer a Irlanda, e Ophelia, o Brasil. Como ela é estudante de arquitetura, sugeri que ela conhecesse Brasília, assim como o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer.

Isabella Nunes

Português 202



Iniciamos nossa interação levemente para baixo, pois todos não gostariam de encerrar essas experiências tão gratificantes, mas também não era de nosso desejo finalizar de uma maneira mais melancólica, então nos erguemos e fomos para nossa última interação, iniciando com o tema das rotinas estudantis, ao debater o que fazemos após um bom tempo de estudo no dia: podendo ser sair com os amigos, descansar para recuperar as energias, praticar hobbies semelhantes a ouvir músicas ou tocar instrumentos, ir treinar na academia, jogar algo ou então uma leitura mais calma.

Não tão distante, abordamos a situação que muitos de nós da faculdade enfrentam que é a responsabilidade para morar sozinho já mesmo tão novo, porque muitos de nós vieram de outra cidade e estão aqui com o enfoque de realizar a faculdade, entretanto, ainda sendo necessário tomar uma noção a respeito de algum trabalho para ganhar um dinheiro, preocupação com locomoção, compras para suprimentos e entre outros fatores básicos, mas não menos importantes. Além disso, falamos de como muitos de nós, que estão estudando direito, têm a pretensão de sempre estarem a ampliar sua noção da respectiva área de atuação e adicionar um conhecimento das outras áreas, por mais que não fique no enfoque, todavia, ainda sendo necessárias para nossa completude de profissionais que temos o âmbito de ser.

Assim, após diversos encontros, estávamos a nos despedir daqueles que não teríamos mais a oportunidade de contatar assim tão abertamente, mas manifestamos nossos maiores apoios a cada um para que consigam realizar seus mais amplos objetivos e trocamos redes sociais com a intenção de não perder esse contato já estabelecido e que foi tão maravilhoso de ter acontecido, encerrando assim nosso período do projeto e já visando a próxima vez que irá ocorrer, pois todos temos a vontade de participar novamente

João Vitor Youssef Cohen

No primeiro dia do projeto, tivemos uma videochamada com a aluna Fernanda Ruiz, da Universidade de Wisconsin. O tema central da conversa foi “Esporte”. Conversamos bastante sobre futebol — comentei que, naquele mesmo dia, haveria um jogo entre Brasil e Argentina, e expliquei como o futebol é extremamente popular no nosso país. Ela demonstrou interesse e comentou que no EUA o esporte mais popular é o basquete. Perguntei qual era o time favorito dela e ela respondeu que torcia para o Chicago Bulls.

A conversa também acabou tomando um rumo mais leve e cultural. Falei sobre a cantora Anitta, explicando que ela é uma das artistas brasileiras mais conhecidas internacionalmente. Fernanda disse que já conhecia a Anitta, o que foi uma surpresa legal. Também mencionei que gosto do cantor Justin Bieber, e ela me mostrou, sorrindo, que tinha um pôster dele na parede do quarto. Foi uma troca divertida e espontânea, que ajudou a quebrar o gelo e nos deixou mais à vontade para os próximos dias.

Natalia Magalhães

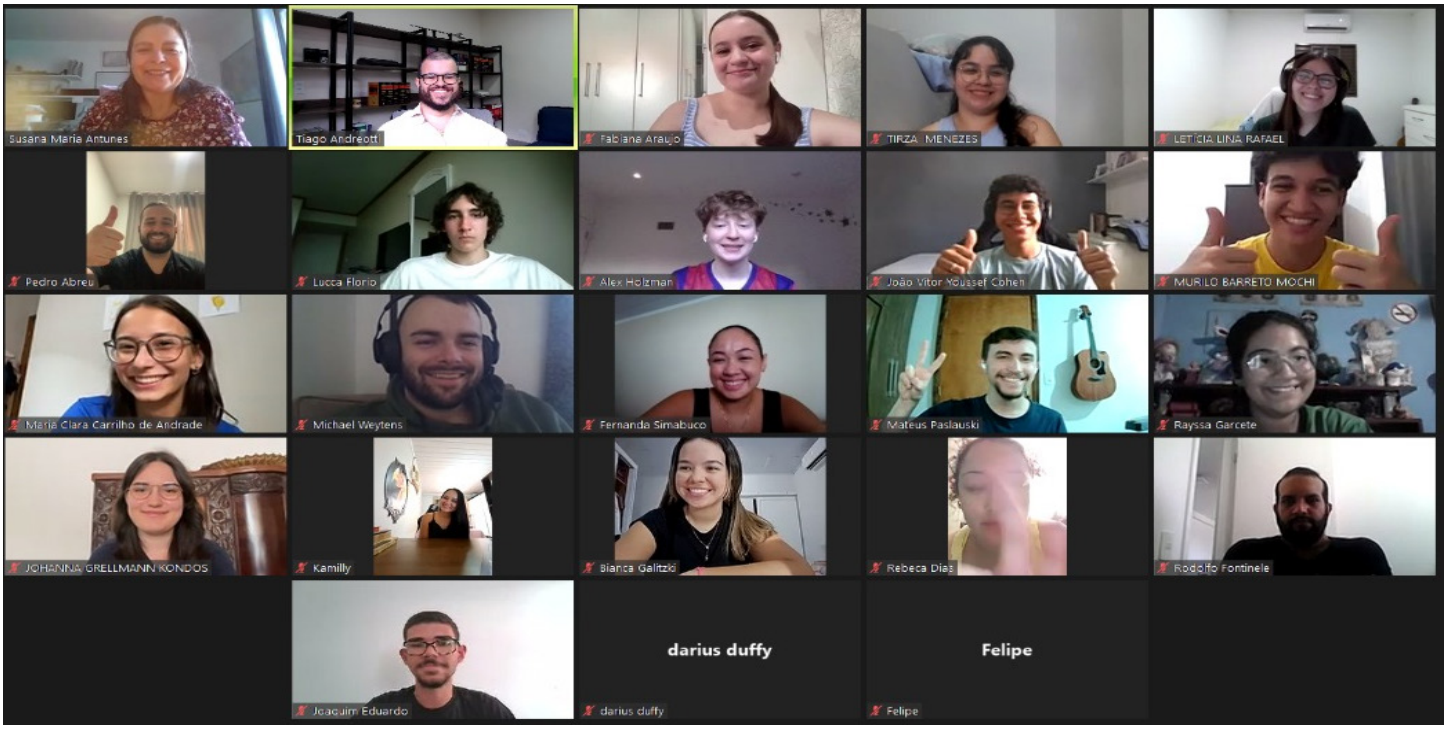
Eu entrei na sala com a Mariana Todescato, mas por algum erro não entrou nenhum aluno internacional na sala, após isso eu fui remanejado para outra sala onde eu conheci os meus parceiros para a maioria das interações, Marcos da UCDB, Maya da UFMS e Ghati’s dos EUA. Foi uma interação extremamente satisfatória, houve uma breve introdução dos membros da grupo, suas metas, a Ghati quer abrir um centro comunitário, o Marcos quer ser rico e a Maya só quer se formar, faculdades, famílias, países e situações alimentares. A conversa começou no assunto de comidas e diferenças regionais, se desenvolveu rapidamente para a realidade alimentícia do universitário Brasileiro e do Estados Unidense e finalizou em dicas de pronunciamento, conversas gerais sobre a língua e o futuro e em diferentes conteúdos para consumir em cada língua.

Luis Antônio Monteiro Moulard

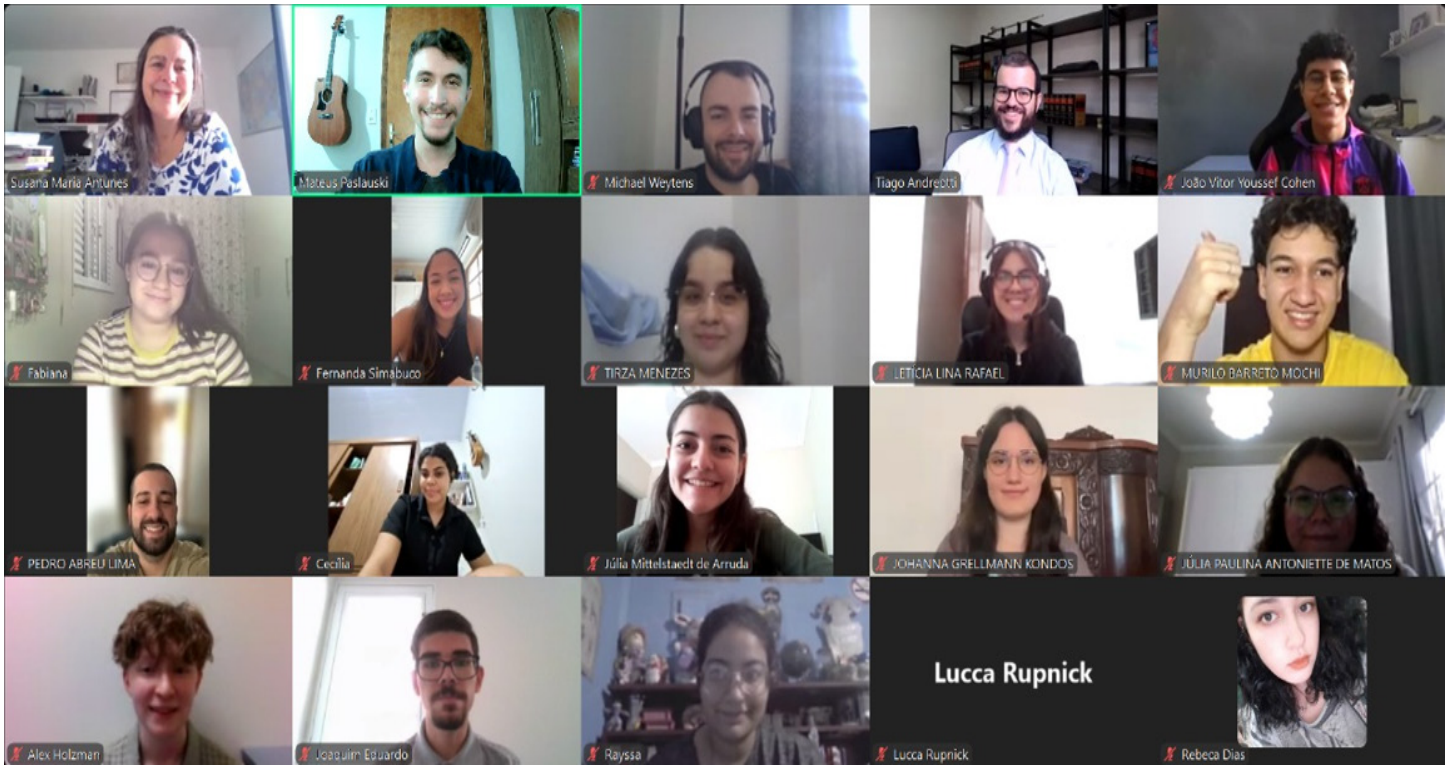
O primeiro dia de interações é sempre o mais decisivo. “A primeira impressão é a que fica” poderíamos dizer. Não conhecemos majoritariamente as pessoas que vamos passar as próximas semanas desenvolvendo assuntos, logo há a possibilidade de, mesmo no início, haver um constrangimento que pode durar até o fim do projeto. Consigo afirmar com certeza que de todas as vezes que participei dessas interações essa foi a melhor experiência de primeiro dia que eu tive.

A quantidade de pessoas no grupo foi crucial para que não ficasse a interação não se tornasse cansativa e infrutífera, como é mais apto a acontecer com menos pessoas. Mesmo que muitas pessoas às vezes se confundam nos assuntos e possam querer falar mais que outras, não passamos por esse empecilhos. Mateus, Kamilly, Bianca, Maria Clara e Rayssa foram os alunos brasileiros que participaram e, mesmo com algumas dificuldades da língua inglesa por parte de alguns, se demonstraram dedicados e atentos. Michael foi o aluno americano que participou. Seu português era tão bom quanto o português de um brasileiro. Usamos a maior parte do tempo falando de hobbies. O momento foi muito mais parecido com uma conversa de mesa do que um projeto. Creio que esse seja o objetivo principal do projeto de interações. Posso dizer que conseguiríamos ficar ainda mais tempo por lá, e isso para um primeiro dia é deveras gratificante. O desejo de permanecer com o mesmo grupo foi claro.

Mateus dos Santos Paslauski



Português 204



Na última interação do projeto, mais uma vez estive com o estudante Alex e com todos os demais colegas do grupo. Desta vez, o foco da conversa foram os projetos culturais e os caminhos profissionais que desejamos seguir. Essa interação foi partiularmente especial porque nos permitiu refletir sobre nossas aspirações, nossos sonhos e sobre como a cultura influencia essas esolhas. Começamos a conversa em português, apresentando os projetos culturais de que participamos, tanto dentro quanto fora da universidade. Compartilhamos experiências com música, teatro, literatura e atividades voluntárias. Alex se mostrou muito interessado na diversidade cultural do Brasil e fez perguntas sobre como conseguimos conciliar estudos e atividades extracurriulares.

Na segunda parte, falamos em inglês sobre nossas carreiras e onde gostaríamos de morar no futuro. Foi uma conversa inspiradora, na qual falamos de ambições, desafios e da importância de trabalhar com aquilo que nos motiva. Alex contou que pretende seguir carreira na área da eduação e perguntou sobre nossos planos profissionais, despertando reflexões profundas entre nós.

Enerrar o projeto com essa temátia foi uma maneira simbólica de consolidar tudo o que aprendemos ao longo das interações: o valor do diálogo, da empatia e da abertura ao novo. Essa última conversa foi uma síntese de tudo o que o projeto representa – uma ponte entre culturas, realidades e sonhos. Foi uma experiência que certamente levarei comigo por toda a vida acadêmica e profissional.

Joaquim Eduardo Souza e Silva

O quinto dia foi, de longe, a melhor interação de todas. Tive a oportunidade de conhecer a estadunidense Abby e de, mais uma vez, conversar com a Isabela, que também vive em Campo Grande, apesar de, assim como eu, ter nascido em outro estado (no caso dela, no Paraná). O tema da interação era “o tempo”, e começamos conversando sobre as estações do ano. Eu e Isabela explicamos para Abby que as estações do ano não são tão visíveis no Brasil, apesar de que, em algumas regiões é possível ver a neve no inverno. Eu perguntei para Abby se, a depender da estação do ano, Wisconsin tem tradições específicas e ela me contou sobre o halloween no outono, com as tortas de abóbora, as festas de verão e os chocolates quentes no inverno com os amigos. Puxando o assunto de cultura e tradição, ela também me explicou que os jovens na cidade dela têm costume de se reunir, sempre, em uma rua específica próxima à universidade, na qual eles costumam beber muito álcool. Começamos, então, a comentar sobre o uso de álcool e drogas ilícitas por adolescentes, pois, para nós três, isso era muito perigoso para a juventude, já que traz malefícios a longo prazo. Expliquei para elas o motivo de eu não consumir álcool, Abby disse também não gostar de bebidas e Isabela, por ter dezesseis anos, disse que também não consome por não ser permitido para sua idade. Eu e Abby chegamos a uma conclusão de que tanto jovens estadunidenses quanto brasileiros vão a festas de atléticas nas universidades, o que ela não sabia que existia no Brasil.

Abby, então, nos explicou que o motivo de estar aprendendo a falar português é que sua família é latina, do México e, por isso, ela fala espanhol. Inclusive, o seu sonho é ser tradutora em hospitais, já que, ao crescer, ela percebeu que muitos imigrantes não sabem comunicar o que estão sentindo para os médicos por não falarem inglês e que ela, quando criança, já precisou traduzir várias vezes para seus familiares o que eles precisavam expressar em inglês. Eu me senti conectada ao que ela disse porque eu também fiz determinadas escolhas na universidade que tinham a ver com minha família, como o fato de eu participar de projetos que envolvem Direito Ambiental e preservação dos biomas, já que eu vim do Amazonas e sinto o dever de me informar sobre o que acontece com meu lugar de origem, além de conscientizar as pessoas, através de pesquisas, sobre os problemas e as falhas do Estado com a região
Norte do país. Chegamos a essa reflexão de como o que vemos quando crianças pode influenciar nossos sonhos na vida adulta e que isso é muito bonito.
Isabela comentou que quer se tornar uma psicóloga pois gosta muito de ouvir e ajudar as pessoas a entenderem melhor seus sentimentos, e nós a incentivamos.

O inglês usado por Abby também me rendeu novas expressões ao vocabulário, já que ela fala em um dialeto mais jovial e da geração z, o que, por mais que fôssemos de países diferentes, nos conectou pelo fato de termos o mesmo senso de humor.

Abby também nos perguntou se temos sonho em conhecer os Estados Unidos e, apesar de que antes das interações eu não pensava nisso, disse para elaque agora gostaria de conhecer os lagos de Winsconsin, além da cidade de São Francisco na Califórnia. Isabela disse querer conhecer Nova York e Abby disse que já conheceu a Espanha, a França, Portugal e que, em uma próxima viagem internacional, quer conhecer o Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro, mas avisamos para ela se hospedar em uma região segura da cidade, pois, infelizmente, é perigoso mesmo para turistas.

Em conclusão, para mim foi a melhor interação porque nós nos demos muito bem e tínhamos afinidades, mesmo que essas não fossem tão óbvias, os assuntos começaram a surgir naturalmente e foi muito divertido porque ríamos o tempo todo e conseguimos compartilhar histórias umas com as outras.

Ana Letícia Matos da Silva Batista

Foram debatidos assuntos como a saúde mental e qual esporte e personalidades esportivas mais gostamos e gostávamos, assim, conhecemos mais jogadores e jogadoras além de nossanacionalidade e gosto pessoal, posto que novos esportes foram explicados a nós brasileiros eo conjunto de participantes destes esportes também, com isso a saúde mental destes foi debatida já que é um dos principais assuntos em pauta atualmente, não só nos jogos, mas também na vida em geral. Foi muito interessante ouvir sobre mais esportes, como os que ocorrem no gelo, estes são o hóquei, a patinação e o último, que considero radical, o de subir em um local alto e esquiar e também um pouco mais sobre a visão dos diferentes atletas em relação a sua nacionalidade, muitos lá de fora não sabem, por exemplo, a importância do futebol para o Brasil para todo o território, como nós brasileiros também podemos não saber qual o esporte mais importante para eles, pois uns acham que é o basquete mas isso é totalmente relativo pois depende da região em que cada um se encontra, assim como o melhor jogador de tal time americano pode não ser reconhecido como o jogador mais ilustre na visão deles, mas na nossa visão sim.

OBSERVAÇÃO
Lembro-me de estar presente na mesma sala do zoom com o Pedro, Alex, João Vitor e Murilo.

REFLEXÃO
Muito enriquecedor aprender a cada aula sobre a importância de estudar, adquirir conhecimento e estar disposto a aprender e escutar o que o outro tem a lhe proporcionar.

Júlia Mittelstaedt de Arruda

Nesta interação conversamos sobre diversas coisas mas principalmente sobre música tive o prazer de conhecer a Fernanda Javares, Raquel Quevedo e a Fernanda Ruiz e elas foram uns amores de pessoa a Fernanda J. sempre alegre contando fatos engraçados a Raquel junto dela sempre animando foi uma interação super divertida falamos também sobre as antigas interações que tivemos também comentamos sobre lazeres.

- Fernanda Javares: Séries, danças e pinturas
- Raquel: Artesanato
- Fernanda Ruiz: Ler e ouvir música

Falamos sobre esportes descobri que a Fernanda R. não gosta de esportes enquanto a Fernanda J. já fez natação e dança quando era criança e adolecente. Também falamos sobre animais de estimação, a Fernanda J. tem um cachorro e a Raquel tem um gato, também falamos sobre a faculdade de direito, fiz algumas perguntas para a Fernanda J. e continuamos a falar sobre séries e filmes e também falamos sobre os artistas que gostamos foi muito divertido essa interação.

Agradeço pela oportunidade

Maria Eduarda Arce da Silva

O encontro de hoje começou de forma bem tranquila. Logo de início, conheci o Matheus e o David, dois participantes com histórias bem diferentes e interessantes. A primeira parte da conversa foi sobre um tema que despertou muitas lembranças: as matérias com as quais mais nos identificávamos na época da escola. Cada um compartilhou aquelas disciplinas que pareciam mais fáceis ou mais prazerosas. Foi curioso ver como o gosto por certas matérias pode revelar bastante sobre a personalidade de alguém. Enquanto uns gostavam mais de exatas, outros se sentiam mais confortáveis com humanas ou artes.

Depois, partimos para um tema mais profundo: o tempo mais marcante da nossa vida até agora. O Matheus compartilhou uma lembrança muito nostálgica sobre quando jogava Minecraft com os amigos. Achei interessante como um simples jogo pode carregar tantas memórias afetivas. Fiquei pensando nas minhas próprias fases marcantes, e como esses períodos nos moldam de maneiras sutis. Em seguida, falamos sobre o que cada um gosta de fazer no tempo livre. Surgiram várias respostas diferentes: jogos, leitura, esportes, música... cada hobby dizia algo único sobre quem o praticava.

Um pouco mais tarde, a Olivia entrou na sala e se juntou à conversa. Continuamos o papo com um novo tema: opiniões impopulares. Essa parte foi divertida, mas, curiosamente, só a Olivia disse ter uma opinião considerada "controversa" — já eu e os outros acabamos não conseguindo pensar em nenhuma na hora. Ainda assim, rimos bastante tentando lembrar de coisas que todo mundo ama e que talvez a gente não goste tanto assim.

Depois, a conversa seguiu para as nacionalidades. Foi aí que descobrimos algo bem surpreendente: o Matheus nasceu no Japão e veio para o Brasil ainda pequeno. Essa informação gerou muitas perguntas, e ele contou um pouco sobre como foi essa transição e como mantém algumas influências culturais até hoje. Esse tipo de troca é sempre enriquecedor, porque nos lembra que cada pessoa carrega histórias únicas, muitas vezes inesperadas.

Na segunda parte da conversa, mudamos para o inglês e voltamos a falar sobre um assunto que sempre rende: animais de estimação. Olivia contou novamente sobre seus dois gatos — Mahi e Matuê — e Matheus revelou que tem tanto gatos quanto cachorros. O David, por sua vez, disse que gosta muito de coelhos, mesmo não tendo um. Esse tipo de conversa sempre gera empatia, porque falar de bichos geralmente ativa nosso lado mais afetivo.

Encerramos o dia falando sobre irmãos. Olivia tem dois irmãos, e Matheus contou sobre sua irmã que está prestes a se formar na faculdade. Foi um jeito calmo e carinhoso de encerrar mais um encontro cheio de trocas, histórias e risadas. Cada conversa como essa me aproxima mais dos outros e também de mim mesmo — quanto mais falo, mais descubro sobre minhas próprias experiências.

Felipe Praeiro

Nesta semana, participei da interação as mesmas pessoas das interações passadas, incluindo estudantes da minha turma do primeiro semestre. Como havia pessoas diferentes reunidas nessa semana e o tema foi continuidade da semana passada (Meio Ambiente), revisamos alguns assuntos, compartilhando o que debatemos com outros alunos na reunião anterior.

Além disso, falamos também sobre o clima de nossas regiões, assim como nossas preferências pelos tipos de clima e tempo, sendo que a maioria afirmou preferir dias de sol, com temperaturas na média, nem muito frias ou quentes.

Durante esse encontro tive mais facilidade em entender e me expressar do que nas outras interações realizadas anteriormente, ao longo do projeto.

Isabella Bertim de Oliveira

O Segundo Encontro as pessoas presentes eram: Savanna e o Roque (Sinto que tinha mais alguém porém não tenho certeza), falamos sobre o tema proposto que era Profissões, porém também foi muito falado sobre Culinária e Questões culturais! No quesito de Culinária a Savanna questionou bastante sobre a cultura e culinária do Brasil e também falou bastante sobre a da dela, o que foi muito interessante e legal, Roque também compartilhou informações diferentes. Ainda tive medo no início porém não tanto quanto no primeiro encontro, comecei com a timidez mas ao decorrer da aula me senti mais confortável.

Matheus Seiji Tobaro

Começamos com a apresentação sobre a Universidade, falando sobre suas notas altas e a produção científica. Agora, falando sobre o hobby, comentamos sobre os filmes que gostamos, alguns disseram seus gêneros favoritos, as músicas são variadas e todos comentaram um pouco sobre. O estudante americano Alex disse que gosta de assistir filmes, jogar futebol e conhece o time de São Paulo, ele fala bastante sobre sua decisão de qual curso escolher. Sobre ter que escolher o seu futuro, o Alex disse que ainda não tinha ideia sobre qual caminho seguir, então cada um disse um pouco sobre como escolhemos nossa carreira.

Cada um teve um pouco no que dizer para ajudá-lo. Depois, entramos no assunto sobre como falar inglês e as diferenças culturais daqui e de lá. O Alex estava bastante curioso sobre as comidas brasileiras, e sobre nosso estado MS, então conversamos bastante sobre o que era nossos favoritos aqui. No final, ele ajudou nós com algumas palavras conhecidas dos EUA que estão sendo virais. O tempo estava acabando, e demos nosso adeus para a próxima semana.

Júlia Paulina Antoniette de Matos

A interação desta semana contou com a participação dos estudantes Tirza Menezes, Fernanda Simabuco, Lucca Rupnick e Pedro Abreu. Iniciamos a conversa com Lucca e Pedro falando sobre lutadores brasileiros de UFC e compartilhando quem são seus favoritos. Logo depois, o Lucca nos perguntou sobre o projeto de extensão que fazemos, se ele fazia parte de alguma matéria ou aula da faculdade. Explicamos que não, que o projeto é uma atividade extracurricular ligada à universidade, mas sem conexão direta com disciplinas obrigatórias.Aproveitamos para explicar como funcionam os projetos de extensão aqui no Brasil, destacando sua importância para a comunidade e o envolvimento dos alunos em atividades sociais, culturais e educativas. Lucca contou sobre projetos semelhantes em sua universidade, incluindo uma atividade interessante em que os estudantes escrevem cartas para alunos de países africanos, promovendo o intercâmbio cultural e linguístico.

Depois disso, Lucca compartilhou um pouco mais sobre sua história familiar. Disse que sua mãe e sua avó são brasileiras, de Ponta Porã, mas que ele só veio ao Brasil uma vez, quando era muito pequeno, e por isso não se lembra da experiência. No entanto, contou que sua avó costuma vir ao Brasil todos os anos, e que ele pretende acompanhá-la nas próximas férias de inverno, no fim do ano.

A conversa seguiu para o tema do transporte e da mobilidade urbana. Lucca nos perguntou se as pessoas no Brasil costumam ter carro. Explicamos que isso depende bastante da cidade: em grandes centros urbanos como São Paulo, onde o trânsito é intenso, muitas pessoas preferem usar o metrô e transporte público; já em cidades menores, como Sidrolândia, onde eu moro, é comum o uso de bicicletas para se locomover. Lucca disse que nos Estados Unidos também é assim, e mencionou cidades como Chicago, onde o trânsito é pesado e o transporte público é bastante utilizado.

Para encerrar, conversamos sobre jogos de carta e tabuleiro. Falamos sobre os jogos que costumamos jogar no Brasil, como Stop, Gartic e Imagem & Ação, que são populares em encontros entre amigos, especialmente na faculdade. Lucca compartilhou alguns jogos comuns nos Estados Unidos, e comentamos também sobre os jogos de baralho, que fazem parte da cultura brasileira e são muito jogados, inclusive no ambiente universitário e familiar. Foi uma interação leve e divertida, que conectou cultura, lazer, família e experiências pessoais de forma natural. A última interação foi muito especial para mim, porque vou sentir falta de conversar diretamente com os estudantes tanto americanos quanto brasileiros, mas foi uma experiência extremamente rica e importante que nunca vou esquecer.

Letícia Lina Rafael

Troca de equipes + pessoas novas = Inúmeras novidades!
Iniciamos a reunião nos apresentando, afinal dessa vez os três participantes eram desconhecidos! Estávamos em dois brasileiros (eu e José) e um estrangeiro (David), um trio com idades bem próximas que, porventura, acabou tendo uma conversa mais despojada (claro, sem abdicar do objetivo principal: o aprendizado).

O Room 5 teve seu gelo quebrado após poucos minutos de reunião, já que David tinha expressões levemente caricatas quando não nos entendia e eventualmente ria conosco. Logo em seguida, explicávamos para ele sobre o que se tratava (as vezes utilizando do inglês para uma melhor absorção) e digitávamos no chat para que ele testasse a pronúncia.

Dessa forma, ensinamos várias expressões para nosso colega gringo e apresentamos a cultura brasileira através do filme vencedor do Oscar "Ainda Estou Aqui".

No que diz respeito ao eixo temático da aula (profissões), descobri um provável futuro colega de profissão (José) e pude aprender um pouco mais sobre a atuação no campo da Economia (área de possível carreira de David). Foi demais!

Considerações finais: Debate leve e produtivo, aquisição de expressões novas e desenvolvimento de um vocabulário nichado (Economia).

Maria Clara Knauer Gimenes de Almeida

Neste segundo encontro, conversamos sobre os esportes que assistimos, a importância da prática de exercício físico, a influência da internet no modo de vida saudável, influenciadores que mostram rotinas inalcançáveis, como a internet tem afetado crianças, como foi a infância de cada um em relação à internet, a relação das crianças com a internet atualmente, os perigos da internet para crianças e relembramos sobre o jogo da Baleia Azul.

Fernanda Simabuco de Barros

Na última aula participei com Dan Lupercio, Roque e a Marianna. No começo ficamos com vergonha de conversar mas fomos nos soltando com o tempo e com a ajuda do Roque que fez várias perguntas sobre diversos temas, conversamos sobre as diferenças culturais, custo de vida em cada lugar, pontos turísticos e costumes, luta dos povos nativos, grupos lgbt e a luta contra racismo. Foi uma conversa super legal, eu diria que a melhor de todas as aulas, foi divertido. Gostei muito de toda a experiência.

Fernanda Campagnoli Garcia da Fé

15 de Abril de 2025 – Quarto Encontro do Projeto Interações.

O quarto encontro do Projeto Interações foi marcado, mais uma vez, pela rotatividade de participantes, algo que se mostrou extremamente positivo ao longo das sessões. Essa alternância favorece a troca de experiências e a abordagem de novas temáticas, além de permitir o contato com diferentes sotaques, níveis de fluência e visões culturais. Nesta ocasião, a estudante estrangeira presente foi Ophelia, que interagiu com três alunas brasileiras. Desde o início do encontro, chamou bastante atenção a desenvoltura de Ophelia com a língua portuguesa — sua comunicação era clara, fluida e segura, o que tornou a conversa muito agradável e espontânea.

Durante a interação, foram abordados diversos temas de interesse comum. Um dos principais assuntos foi a prática de esportes. Todos os participantes falaram sobre os esportes que mais gostam, os que praticam ou acompanham. Também houve espaço para falar sobre filmes favoritos, o que gerou uma troca interessante sobre os gostos culturais de cada país e a influência da indústria cinematográfica americana na cultura brasileira.

Outro ponto alto da conversa foi a discussão sobre culinária. As alunas brasileiras sugeriram pratos típicos do Brasil que Ophelia deveria experimentar, como a tradicional feijoada, o açaí na tigela e, claro, o clássico churrasco brasileiro. Esse momento despertou bastante curiosidade e rendeu boas risadas, especialmente quando Ophelia compartilhou que gostaria de provar tudo, pois adora experimentar comidas diferentes.

Um dos momentos mais descontraídos do encontro foi quando, em tom de brincadeira, as participantes brasileiras disseram que Ophelia parecia uma brasileira disfarçada de americana. Essa brincadeira surgiu por conta de sua aparência calorosa, seu jeito extrovertido e sua impressionante fluência no português — características que a aproximaram bastante do grupo.

Sem dúvida, foi um encontro produtivo e envolvente, que contribuiu tanto para o aprimoramento do inglês dos alunos brasileiros quanto para o desenvolvimento do português da estudante estrangeira.

Raul Sérgio da Silva Gimenes

Terceira semana

No começo da interação, começamos a falar sobre as diferenças entre o portugues-brasileiro e o portugues de Portugal, o sotaque, expressões e o qual os estrangeiros geralmente aprendem, então lembramos do tópico do dia e começamos a falar sobre esportes. Mateus foi o primeiro a falar e falamos sobre o tópico do esporte favorito dele por um tempo, que é fórmula 1, lembro do Michael não acreditando muito que tinha bastante gente do Brasil que gosta de fórmula 1. Ainda no tópico de esportes falamos sobre o beach tennis, Cecília falou que apesar de jogar ela não era muito boa, ela também explicou as regras e como funcionava, pelas regras parece ser algo um pouco complicado de se lembrar na hora.

Com isso começamos a falar sobre aula de educação física e o Michael mencionou que lá funciona bem diferente, tendo atividades como broomball e pesca, acho incrível essa diferença de culturas e é muito divertido aprender sobre. Depois a conversa acabou chegando no tópico de cidades no Brasil, cidades turísticas mais populares e também as cidades do Mato Grosso do Sul, falamos sobre Coxim, aparentemente é uma cidade que quase todo mundo lá conhece um a o outro, porém isso também significa mais fofocas, e qualquer coisa que você faz a maioria vai ficar sabendo, comparamos Coxim com Campo Grande no quesito de coisas para fazer na cidade, e percebi que depende mais de quanto tempo você mora no lugar, depois de alguns anos você já viu a maioria das coisas que a cidade tem a oferecer.

Nessa interação falamos bastante em inglês mas acho que ninguém percebeu muito isso, acho legal todos ficando tão empolgados com a conversa que nem percebemos a língua que estamos falando, mas é claro teve momentos que tivemos que perguntar como uma palavra é na outra língua, ou falamos expressões que não existe uma boa tradução.

Rayssa Garcete de Abreu

Conexão com Cabo Verde

UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
Universidade de
Santiago,
Assomada

No Silêncio da Noite

No silêncio da noite, a lua a brilhar,
Os ventos sussurram, segredos a contar.
Entre as sombras, um mistério a se revelar,
E o coração, inquieto, começa a falar.

O céu, pintado em tons de escuridão,
Guarda estrelas, como sonhos na mão.
E cada passo, um eco no chão,
Perdido nas lembranças da imensidão.

Os olhos buscam a luz que se esconde,
Entre os medos, a alma responde.
E no sussurro da noite tão profunda,
A esperança renasce, suave e fecunda.

Que o vento te leve onde o sonho voa,
E que a paz na alma ressoe e ecoa.
Pois no silêncio da noite a alma se encontra,
E na escuridão, a luz se aponta.

Maria Joana Alves Centeio, 2º Ano, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Além das Estrelas

Nos campos da noite, onde o silêncio cresce,
Há um lugar onde o tempo adormece.
Entre estrelas, como um véu a brilhar,
Existem segredos que o vento vai contar.

O céu, profundo, com seu olhar tão distante,
Reflete os sonhos, tão grandes e vibrantes.
Cada estrela, uma história a viver,
Cada passo, um desejo a florescer.

Os caminhos se perdem no luar calmo,
E a alma, errante, encontra o seu palmo.
Além do visível, onde os medos se vão,
Está a verdade, no fundo do coração.

E quando a noite nos abraçar no escuro,
Lembra-te, há sempre um futuro seguro.
Pois nas estrelas que brilham no alto,
Há sempre um lugar onde o sonho é o salto.

Maria Joana Alves Centeio, 2º Ano, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde